

Nota à comunicação social

## **Lay-off foi simplificado à medida dos interesses das multinacionais**

**Desde o início do surto pandémico em Portugal, o Governo procedeu a três revisões do mecanismo de lay-off, tornando-o sempre mais simplificado. É caso para dizer que o patronato foi ao alfaite, conseguiu um fato à medida... e tem já o saco aberto para começar a receber.**

Falam por si, as diferenças entre as diversas versões.

Antes, para aceder a este mecanismo, seria necessário cumprir critérios como a comprovação objectiva da sua necessidade. Agora nada disso é solicitado.

Era preciso comprovar uma quebra abrupta e acentuada da facturação, quantificada pelo menos em 40 por cento, com referência ao período de três meses homólogo (2019). Agora basta demonstrar essa quebra nos trinta dias anteriores à data do pedido, com referência à média mensal dos dois meses anteriores a esse período.

**Já quanto aos trabalhadores, o Governo não simplificou as suas vidas**, antes pelo contrário, fá-los pagar as consequências do surto pandémico, como se fosse verdade que «somos todos iguais» e fosse aceitável que a parte mais frágil na relação de trabalho partilhe os riscos e as consequências do desastre.

Quando surgem problemas, o patronato (em particular, as multinacionais e as grandes corporações) não desperdiça a possibilidade de usar recursos públicos, um centímo que seja, mesmo quando as próprias empresas têm capacidade de resolver.

Para verificar esta capacidade das empresas, basta observar os recordes batidos nos últimos anos, em exportações e em lucros. Mas o que temos visto? Em pouco menos de um mês, **o patronato aproveitou-se do clima de pânico instalado e abriu os cordões ao saco, para ver se o enche de recursos públicos.**

Aliás, nos últimos meses já ecoavam vozes de muitas associações patronais e dos arautos da desgraça, ululando previsões de abrandamento da economia.

Nesta situação particularmente complexa, é preciso assinalar uma diferença entre o apetite insaciável das grandes multinacionais e os graves problemas das micro e pequenas empresas de capital nacional, que vivem na dependência daquelas e atravessam uma fase difícil.

Ainda mais escandalosa é a circunstância de a CIP, recentemente, apelar ao Governo para que injecte financiamento a fundo perdido nas empresas que nela predominam. Onde foi que já vimos este filme? **A CIP devia era tornar públicos os resultados que essas empresas obtiveram nos últimos três anos.**

Da parte da Fiequimetal, continuaremos a acompanhar esta situação muito de perto, insistindo que **os trabalhadores não devem sair prejudicados nos seus rendimentos e direitos, porque são eles o verdadeiro motor do desenvolvimento económico.**

É isto que vamos continuar a defender junto do Governo.

É por isto que vamos persistir no esforço de unidade, organização e mobilização dos trabalhadores.